



Olórun

VODUN NÃO É ORIXÁ

Por Fernando José

GEOMANCIA, O ORÁCULO DA TERRA

E A ORIGEM DE IFÁ

Por Baba Ifajemi Faleke

ÒGÚN E A SERPENTE.

Por Erick Wolff

Ògún e a Serpente Mitológica

Por Awo Ifádámiláre

Abril

Redação



Erick Wolff
Editor - Diretor



Dr. Roberto Tamelini Jr.
Jurídico

Conselho Editorial

Roberto Tamelini Junior
Joana D'arc Espindola

ISSN 2358-3320

Nesta edição número 49, a Revista *Olórun* traz:

Neste primeiro artigo sacerdote Fernando José, nos presta esclarecimentos sobre os Vodun e seus conceitos.

No segundo artigo Baba Ifajemi fala sobre Ifá, Geomancia e I ching.

No terceiro artigo é uma republicação do texto de Erick Wolff: *Ògún* e a Serpente.

E por ultimo e quarto artigo, republicamos o mito de *Ògún* e a Serpente Mitológica do Babalaô Ifádámiláre.

Boa Leitura.

ÍNDICE

VODUN NÃO É ORIXÁ

Por Fernando José p. 06

GEOMANCIA, O ORÁCULO DA TERRA E A ORIGEM DE IFÁ

Por Baba Ifajemi Faleke p. 18

ÒGÚN E A SERPENTE.

Por Erick Wolff P. 28

ÒGÚN E A SERPENTE MITOLÓGICA

Por Awo Ifádámiláre p. 70

VODUN NÃO É ORIXÁ

FERNANDO JOSÉ



Facebook: <https://www.facebook.com/fernando.jose.3158>

07/04/2017

Bom dia a todos nossos irmãos de fé!

Bem, hoje venho por meio deste maravilhoso meio de comunicação, explicar sobre algo que um tanto me incomoda... São muitas as dúvidas, muitos questionamentos sobre o tema e eu, como Sacerdote que sou fã minha crença e tradição, tenho a obrigação de expor e de defender aquilo que me compete.

Bom, tenho ouvido muito falar sobre uso de Hùnjève, Voduns com nomes bem complexos, pessoas de uma nação usando elementos (fundamentos) do Jêji, como se lhes pertencessem, pedidos de bênçãos e saudações

estranhas, linguagens incompreensíveis e milhares de outras coisas que se eu for enumerar aqui, passaria três dias falando...

A começar pelo começo (rsrsrsrsrsrs), Vodun Ayizan é uma divindade de Culto Ancestral e não um Eegun como muitos estão entendendo por aí; ah! e também não se inicia Ayizan no Tá de seu ninguém (como já fizeram em uma casa aqui em Pernambuco).

Legba não é Esu e Esu não é Legba, portanto ou se canta para um, ou se canta pra o outro em separado. Nada de saudar Legba com Laroiyé!

Age não é Osaniyn, portanto não misture os cultos e não ache que está fazendo o certo, e mais uma, pessoal do Ketu não tem porque cantar e

muito menos iniciar Agè.

Atolù (ou Otolú, como muitos chamam), nunca foi e nunca será Osoosi; é sim um Toxwyó de Savalú, guerreiro e guardião do Palácio Real, então pessoal, ou o cara é de Osoosi ou de Atolù. Ah! sem esquecer de Azaká, esse muito menos, nem de longe será Osoosi.

Sogbó, Gbadé, Adeen não são Songó, portanto, cuidado ao fazer um Songó no Jêji (a mais pura mentira!) e enfiar um Hùnjève no pescoço deste pobre coitado desse filho.

Sogbó não usa coroa como Songó; Gbadé muito menos, ele é um príncipe...Então..

Adeen é fêmea gente, nunca existiu Adaen, Adaken, Afrejó...Ah! para com isso!

Vodun Avlekete nunca foi Ologun Edè, são totalmente diferentes, T-O-T-A-L-M-E-N-T-E !!!

Kpò Vodun, não é uma oncinha, não é um Sogbó e muito menos um Sakpatá. E também não usa garra de metal, e de coisa nenhuma.

Lòko gente, também é um Vodun Ancestral, portanto, nada tem haver com os Só Vodun (Kavionu) e usa branco... E também não é o mesmo Iroko; se alguém fizer essa mistura, está fazendo loucura!

Azli é um Vodun do Culto Nensuxwe, portanto, culto Real dos Maxi, nada tem a ver com Osun, Iyemonjá, nada...a única similaridade, é de serem divindades aquáticas. Mas vamos parar gente, dessa marmota de Aziri Togbosi, Aziri Noká, Aziri Kayá, Aziri Tolá, Togbosi, isso é invencionices de sacerdotes desinformados e que não estudam a divindade que cultuam. Mais outra, antes que eu esqueça, Azli nunca escreveu cartinha para o seu "esposo" Sogbó e nunca foi Mãe de Erê, por favor né!?

Povo de Jêji cultua Hoxó e não Igbeji, nem Beijada (rsrsrsrs)...essas divindades são de suma importância para nosso culto, pois é através delas que despertamos o Glá (Grá).

Povo de Jêji tem sim, estado de Nubyatò, onde o iniciado entra em transe infantil para que a manifestação do Vodun seja apaziguada. Temos Zinwó (não Erê!)

Segbó Lisá, divindade dá criação do povo Fon, é originário dos Iyorubá, mas não é Obatalá; é originário...Então pelo amor de Deus, se é feito pra Osolufon ou Ogiyan, não vá dizer que é um Lisasi, fica feio! Ninguém precisa de títulos, precisamos estar bem e em dia com o nosso sagrado.

E finalmente, a divindade Dan, não é a única e somente o único Vodun que comanda nosso Povo, temos mais dois grupos de Vodun em nossa tradição que nos representa.

Essa história de ser feito com Osunmarè e se dizer de Gbesèn não está com nada...teu Sacerdote te mentiu!

Não temos qualidades de Vodun, então concluímos que Dan é uma energia única. Não temos Jikun, Frekwen, Kwenkwen, Abiosú, Dangbala, Danhwedo... isso são só títulos dá divindade Dan. Dangbé é um Vodun mítico, não tem como tomar a cabeça de uma pessoa.

Dan também, assim como Kpó Vodun, não é uma cobrinha a se rastejar no chão e nem estar dando bote e picando neguinho, isso é ridículo!

Para ser de Jêji, principalmente Maxi (lê-se Marri e não Marrim!), temos que passar por fundamentos que são nossos, são próprios dá nossa tradição e Culto: Sanjetò, Tò, Kpolé, Ajahutò, Kan, Zó, Kundá, Vivawe, Sanjegbè, Jigberesu, Gbo le Gbo le, Agidazen...e por aí vai! Se você tem

tudo isso ou quase tudo, parabéns! tá no caminho. Se junte aos bons, estude, troque ideias, aprenda com os seus e olhe, principalmente, bonotoyi!

Sei que muitos irão me odiar depois desse texto, mas nem me preocupa nem um pouco. Me preocupa sim, saber que 90% das pessoas da nossa diáspora, principalmente de Jeji, estão se iniciando, completando tempo de iniciados e continuam sem saber de nada, principalmente da sua própria divindade. Isso é sério! É muito sério!

Não vamos ser motivos de chacotas para seu ninguém! Vamos estudar, vamos unir nosso povo, vamos falar sobre as questões do nosso povo. Nós Sacerdotes, vamos colocar nossos Vodunsi a par das verdades.

O conhecimento liberta e engrandece o homem! Não guarde tudo só para você! Somos fortes, somos Jêji, somos do Vodun, somos terra, fogo, ar e água. Somos amor. Então gente, vamos nos orientar...porque digo, está ficando feio, você ser iniciado pra Osún dizendo a todos que é de Togbosi.

Eu, Hungbono Fernando, falo (e assino em baixo!) do que sei, tenho conhecimento de causa, sou estudioso da Religião, valorizo muito nossos mais antigos, mas também como inteligente e racional que sou, entendo que muitos dos nossos antigos eram analfabetos, viviam ainda sob a influência da escravidão e faziam o que podiam.

Mas hoje, temos acesso a quase tudo, ou tudo, temos uma Religião linda, mas que precisa de manutenções depois que se libertou dos grilhões da escravidão e ignorância.

Tudo evolui, tudo progride, senão não teríamos a necessidade de cultuar o Anagovodun Ogún em nossos Templos.

Concordam!?

E na ce Kaká novi lé

Original em: <https://www.facebook.com/groups/244130832660890/permalink/257345088006131/>

Transcrição e adaptação: Luiz L. Marins – www.luizlmarins.com.br



APAE
DE SÃO PAULO

GEOMANCIA, O ORÁCULO DA TERRA E A ORIGEM DE IFÁ

BABA IFAJEMI IFALEKE

<http://babaifajemi.webnode.com.br/>

2011



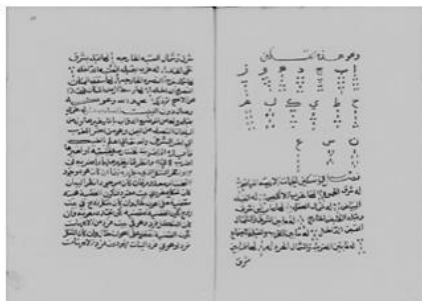
INTRODUÇÃO

O sistema oracular de Ifá tem sua origem na Geomancia Árabe, que por sua vez seria originada do "I Ching", considerado por muitos estudiosos como sendo o "pai de todos os oráculos".

Tentamos, com isto, contribuir com o desenvolvimento dos estudos de tantos quantos apreciem, se dediquem ou pratiquem o sistema divinatório de Ifá, fornecendo-lhes, através de um conhecimento das Geomancias Árabe e Européia, embasamentos sólidos para uma melhor compreensão e desenvolvimento da Geomancia Africana - O Oráculo de Ifá.

A origem árabe do sistema oracular de Ifá pode ser comprovada de diversas formas muito mais “seguras” que uma simples declaração feita por um babalaô.

I I	II II	II II	I I
I I	II II	I I	II II
I I	II II	I I	II II
I I	II II	I I	I I
Eji-Ogbe	Oyeku Meji	Iwori Meji	Odi Meji
I I	II II	I I	II II
I I	II II	I I	II II
II II	I I	II II	II II
II II	I I	II II	I I
Iwasu Meji	Oweoris Meji	Obara Meji	Okaran Meji
I I	II II	II II	II II
I I	I I	I I	II II
I I	I I	II II	I I
II II	I I	II II	II II
Ogunda Meji	Osa Meji	Iba Meji	Oturupan Meji
I I	I I	I I	II II
II II	I I	II II	I I
I I	II II	I I	II II
I I	I I	II II	I I
Otura Meji	Irete Meji	Ose Meji	Ofun Meji



Imagens distribuídas por grupos na internet: fontes desconhecidas.

1 - As figuras que compõem o sistema de Ifá são perfeitamente iguais às que compõem um sistema divinatório de origem oriental denominado

“Geomancia Árabe”, muito usado também na Europa onde, após as devidas adaptações culturais, recebeu o nome de “Geomancia Européia”.

2 – Em todos os procedimentos do oráculo de Ifá, tudo é feito, escrito, lido e interpretado da direita para a esquerda, maneira adotada pelos árabes para escrever, ao contrário da forma ocidental.

3 – Em Madagascar existe um sistema de adivinhação denominado “Sikidy” que não tem qualquer relação com Ifá, embora utilize signos de configurações idênticas aos odus de Ifá.

Segundo afirma a introdução do Sikidy, em Madagascar foi feita por imigrantes de origem semita que falavam e escreviam em árabe. Este fato

nos leva a concluir que Ifá e o Sikidy possuem uma origem comum: a Geomancia Árabe.

4 - A palavra "fá" usada pelos fon da mesma forma que "Ifá" pelos nagôs e "Afã" pelos "minas", do Togo pode ser encontrada no idioma árabe onde significa "sorte", "augúrio".

5 - Na Pérsia, nos séculos VIII e IX, ou seja, na florescência da cultura iraniana, a Geomancia era matéria ensinada em Universidades célebres como a de Bagdá e estudada pela elite intelectual da época.

Foram os sábios formados nestas mesmas universidades que, junto com a filosofia e a ciência adquiridas, levaram a Geomancia à Alexandria, ao

Cairo, ao Sudão e à Europa, tendo aí como porta de entrada a Espanha, onde a influência da civilização árabe ainda hoje é notável.

A GEOMANCIA AFRICANA OU ORÁCULO DE IFÁ

Oriunda, tanto quanto a Geomancia Européia, da Geomancia Árabe, a prática divinatória exercida pelas civilizações negras do este de África, utiliza-se dos mesmos símbolos, conforme se pode observar no quadro apresentado mais adiante.

Esta prática diferencia-se fundamentalmente, pela adaptação sofrida, assim como pela excessiva rigidez com que é praticada por seus adeptos, denominados "babalaôs", que se intitulam donos do saber oracular, reservando para si, com absoluta exclusividade, o direito de consultar o

Oráculo, procedimento este que revestem de excessiva ritualística, composta de invocações às divindades, aos espíritos ancestrais e principalmente ao deus do Oráculo – Ifá-Orunmilá.

O acesso ao Oráculo é direito exclusivo dos homens, sendo proibido tanto às mulheres quanto aos homossexuais.

A possibilidade de acesso implica numa iniciação de caráter religioso onde é exigido o sacrifício de animais, oferendas de alimentos e de diversos objetos, além da consagração de inúmeros outros, que irão compor uma coleção composta de:

- pedras (okutá),
- tabuleiros de madeira (oponifá),

- rabos de vaca ou de cavalo (erukeré \ eruexim),
- ossos de animais sacrificados (egun),
- conchas (cawrís),
- bastões de madeira (irofá) ou marfim (iroke),
- pós mágicos (iyerosun),
- colares ou rosários compostos de sementes especiais,
- pedaços de casca de coco, de marfim ou de madeira (opele Ifá),
- cabaças de diversos formatos e tamanhos (igbá),
- bastões metálicos (ôsun - opa erere),
- bolsas de tecidos (apo-ifá),
- caixas de madeira entalhadas,
- esteiras e peneiras de palha,
- fios de contas (ileké),

- pulseiras (idé),
- penas de animais sagrados (egan),
- pós obtidos da trituração de sementes, de pedaços de madeiras especiais, de plantas ritualísticas e medicinais, de ossos de determinados animais, etc. etc. etc.

A complexidade implica na limitação do número de sacerdotes legítimos, o que proporciona a possibilidade de manipulação por parte dos poucos iniciados e o consequente surgimento de um número assustador de charlatões que, aproveitando-se da necessidade dos incautos, retiram deles, impiedosamente, tudo o que podem.

As figuras geomânticas recebem nomes em língua ioruba e acoplando-se se elevam ao quadrado. Desta forma, das dezesseis existentes, surgem novas

duzentas e quarenta figuras, totalizando duzentas e cinquenta e seis possibilidades de respostas que dependem única e exclusivamente da interpretação do adivinho, uma vez que estas respostas variam de forma infinita, sem uma regra que possa assegurar a otimização interpretativa desejada.

As consultas determinam sempre o oferecimento de sacrifícios (ebó), na maioria dos casos de animais como bodes, galinhas, carneiros, preás, etc., de objetos das mais diferentes naturezas, além de importâncias em dinheiro, sendo que estas últimas revertem sempre em favor do oficiante.

Veja mais em: <https://goo.gl/ckqTkH>

Transcrição, adaptação, layout e inserção de imagens: Luiz L. Marins - www.luiizmarins.com.br. Acessado em 27/03/2017.

ÒGÚN E A SERPENTE.

(Revisto e aumentado)

Por ERICK WOLFF

Pesquisador Independente e
Autodidata

11/04/2017

INTRODUÇÃO

Desafiando os conceitos afro-religiosos atuais, sobre *Ògún*¹ a divindade do ferro, na cultura *Yorùbá*, nos deparamos com *Ògún* sendo cultuado no vulto de uma serpente dando o bote, na tradição religiosa do Batuque do RS, sendo que a divindade *Ávágã*², este que fica na frente do templo, na casa do Bara *Lòde*³, possui um vulto bem maior. Encontraremos até outros *Ògún*



¹ *Ògún* – *Òrìṣà yorùbá*, senhor do ferro e da guerra.

² *Ávágã* – Divindade *Ògún* cultuada no Batuque do RS, fica na porta dos templos guardando e defendendo, serve toda a comunidade.

³ Bara *Lòde* – *Òrìṣà Èṣù* que faz *ojúbò* (assentamentos aos quais contém os fundamentos desta divindade).

sendo cultuados no Vulto, como *Onira*, *Ologbé*, *Ajiola* entre outros que os seus assentamentos se encontram dentro do *Yara-bo*⁴. Tal costume foi motivo de mistério e questionamento entre os sacerdotes que não pertencem à cultura *òrìsàista* Afro-gaúcha ou até mesmo do próprio Batuque, pois o símbolo da serpente, no Brasil até então era considerado exclusividade ao culto *Djedje* para o Vodun *Dã*⁵ ou conhecido por alguns como *Obessem*.

A serpente é uma insígnia de poder e magia, que segundo a cultura Afro-brasileira, esta não deveria estar associada ao *Òrìsà-irin*⁶, mas qual seria a possibilidade desta divindade carregar uma serpente, fora do seu culto? Foi

⁴ *Yara-bo* - Pequeno quarto sagrado para rituais e sacrifícios às divindades do templo.

⁵ *Vodun Dã* - Dan, *Dã* ou *Bessém* no Brasil, *Dan Ayido Hwedo* ("serpente arco-íris") no Benin ou *Damballah* no Haiti é o vodum da riqueza, bastante popular entre os fon.

⁶ *Òrìsà-irin* - Deus do ferro.

pesquisando que chegamos até um documento que relata e associa a serpente ao culto de *Ògún*.

Nada do que foi dito até agora – sobre as devoções individuais dos ferreiros e outros que trabalhavam com ferro, ou sobre a importância de *Ògún* na comunidade Yorubaland – desafia a noção, de devotos na literatura, que (como um dicionário de Abraão) é adorado apenas por homens, e não por mulheres. "Isto parece fazer sentido simbólico para uma" divindade do ferro e da guerra, mas não é verdade, vem Pierre Verger dar um relato detalhado da participação das mulheres como *Iyawòrìsá*⁷, "Gemmes Dediees a *l'orisa* et Qui Chantent Pour Lui" em um

⁷ *Iyawòrìsá* – Iniciada no ritual para *òrìsà*.

festival de *Ògún*, Igbo *Nàgó*⁸, nas aldeias de *Hodo* e *Ìjèsà*⁹, e Margareth Drewal descreveu uma mulher possuída por *Ògún* não muito longe de Igbogila em Egbado.

Para o mais prosaico exemplo de devoção feminina para *Ògún*, foi o açougueiro mulher observado por E.M. Lijadu em *Ondo*, em 1892. Quando ela entrou na sua barraca no mercado, ela recolheu suas ferramentas de ferro, para dividir os pedaços de *Obi*¹⁰ e jogou várias vezes sobre eles, e ofereceu alguns encantamentos "A questão é Lijadu, ela disse que era consultora da *Ajé*" a deusa do dinheiro através de *Ògún*, deus do ferro [e

⁸ Igbo Nàgó – O povo de Igbo (formação da palavra Ibo; *Ndí* *Ìgbò* no idioma Igbo) são um grupo étnico do sudeste da Nigéria.

⁹ Hodo e *Ìjèsà* – São um sub-étnico dos Yorùbá.

¹⁰ Obí – Noz de cola, conhecida como Kola Acuminata, muito comum na religião Yorùbá.

que] *Ajé* promete enviar-lhe muitos clientes com muito dinheiro para levar para casa depois do mercado" este *Ògún* / ligado à *Ajé* é atestado de outra forma, e , como ritual de uma mulher dirigida para a riqueza pessoal, que talvez possa ser visto praticamente igual a riqueza pessoal, pode ser visto como possibilidades praticamente semelhante para o Culto de *Orí*¹¹, que era popular entre as mulheres ricas em *Yorubá* central e sudoeste, mas de uma forma aparentemente ausente do leste. Conforme descrito aqui por Lijadu, tais elementos do ritual como a quebra do Obi sobre ferramentas de ferro parecem idênticos aos praticados por ferreiros do sexo masculino. Mas a principal forma de *Ògún* aparecer nos jornais da CMS como objeto de trabalho para as mulheres é bastante diferente: não como ferro,

¹¹ Orí – Cabeça, os Yorùbá consideram que há orí física e orí abstrato vinculado ao destino.

mas como uma serpente. Não era apenas um culto feminino, embora as mulheres eram mais ativas na mesma (como, aliás, na maioria dos cultos de *Òrìsá*). O relato mais dramático do Culto de *Ògún-Ejò*¹² respeito a Ijaye em 1855: Era o festival anual da *Ifá Are Kurunmi*, governante despótico da cidade, e grandes multidões se reuniram diante da porta da sua comunidade. A maioria deles estavam a ser dito "Veneradores do chamado de *Ògún Òrìsà* ou *Ejò*", para a falecida mãe Kurunmi havia sido um de seus principais devotos, assim guardava na memória dela. Figuras de cobras em diversos tamanhos, nas diferentes partes do reboque foram trazidas para "Jogar" com Kurunmi, mas ele não iria permitir que dentro de sua própria casa [o catequista diz Charles Phillips], pois ele tinha medo delas. Então, eles foram

¹² *Ògún-Ejò* – *Òrìsà Ògún* representado por uma cobra

exibidos em uma plataforma criada na frente dela. Os adoradores ao procurá-los os levaram em seus braços: menos irritada, alguns tinham até seis metros de comprimento e tão grossa quanto à coxa de um homem. O povo olhava-as com curiosidade e louvor.

"Fonte - *Africa's - Ògún – Old Word and new* 1997 - *Indiana University Press* - pág 272"

No Batuque do RS, o ojubo de *Ávágã* e *Lòde* deverá ser tratado preferencialmente por homens por sua vez poucas mulheres possuem acesso, porem neste caso somente será liberado para aquelas que passaram pela menopausa, ou, que sejam iniciadas para uma destas divindades. O ritual para esta divindade será feito junto com o *Bará Lòde*, pois dividem o mesmo quarto, assim os cortes de 4 pés deverão sempre

serem feitos no mesmo dia, oferecem cabritos ou bodes escuros, e aves vermelhas para o *Bara* e prateados (malhados de preto com branco, não é carijó) para o *Ògún Ávágã*, esta divindade recebe uma atenção tão grande, quanto a do *Bara Lode*, que tem o seu ritual e trato próprio muitas vezes é o segundo a comer, na frente da casa antes dos *Òrìsà*, ele é então considerado uma divindade cultuada a parte do *Irúmq̃lè*¹³ do *Bàbá*¹⁴ ou *Iyá*¹⁵, servindo toda a comunidade religiosa daquele templo, que deverá ter outro *Ògún* no *Yara-bo* compondo os fundamentos da casa.

O primeiro *Òrìsà* de Kurunmi foi p próprio *Sàngó*, muito semelhante (embora invertida) a ligação da família de *Sàngó* e *Ògún* que surgiu durante uma visita da pastoral Ota: um

¹³ *Irúmq̃lè* – Divindades cultuadas entre as nações de matriz Africana

¹⁴ *Bàbá* – Pai

¹⁵ *Iyá* – Mãe

devoto feminino de Sàngó com um filho dedicado a Ògún, com uma cobra que era mantida em uma cabaça onde era alimentada com ratos.



Mas o culto era mais comumente encontrado quando seus membros foram para a cidade com seus Ògún-Ejò, oferecendo bênçãos em nome do Deus, e recebendo presentes de búzios (na essência, sacrifícios) em troca. Um pastor Africano em Abeokuta¹⁶, em 1852, encontrou duas mulheres," um dos quais tinha uma grande serpente enrolada no pescoço, enquanto o outro como

¹⁶ Abeokuta - É a capital do estado de Ògún na Nigéria.

um arauto saiu antes de cantar e exaltar o Deus de *Ògún* o ferreiro [sic]. Muitos anos depois, outro, na estrada para o campo de Ibadan na Ikirun, reuniu-se a um "encantador de serpentes", que foi uma vez até à igreja em Ibadan com um amigo cristão, ele repreendeu alguns "iniciados que trabalhavam para *Ògún*, uma forma de ganhar seus meios de subsistência" Voltando para Ibadan, um catequista disse uma mulher sentada à beira da estrada e com ela havia uma cobra que recebendo algumas mensagens dos búzios para alguns poucos transeuntes, que *Ògún* não era o verdadeiro Deus para os trabalhadores Um viajante missionário metodista foi visitado por um encantador de serpentes "fêmea" no Oyo em 1890 Carly. Nosso último vislumbre do culto está novamente em *Ibada*, quando uma mulher encontrou europeus

missionários "sentado à beira da estrada uma mulher velha, uma adoradora de *Ògún* com uma serpente enorme enrolada em volta do corpo, e ela pedindo esmolas do povo. Algum missionário deve ter fotografado a *Ològún* idosa do sexo feminino, intitulada "uma encantadora de serpentes", que é mostrado na figura.

Esta consultava o culto de *Ògún* sem ter ido ver despercebido na literatura secundária, para salvar a referência de uma breve passagem em Pleoples Talbot Nigeria do Sul (1926) para encantadores de "serpente", que adoram [Ogum] sob o disfarce de uma cobra *Smallish* chamado *Mónà-moná*. Isso não soa como deveria de algum conhecimento muito estreito com o culto, uma vez que os meios *Mónàmoná* "*Python*", que

melhor se encaixa na descrição das cobras grandes que às vezes ocorrem em reportagens testemunhas do século XIX. Evidentemente apagada da memória dos informantes do educador Abraão em *Ibadan* no início dos anos 1950 (juntamente com a memória das mulheres que também adoravam *Ògún*), parece que



FIGURE 11.1 A female devotee of Ogun, with a snake coiled around her body, photographed before 1932.

provavelmente morreu rapidamente no início do século XX. A velha senhora a quem a conheceu Fry cobra perto da igreja kudeti em 1911 deve ter sido um de uma banda em declínio. Parece provável que tenha morrido mais cedo entre os Egba do que entre os Oyo Yorubá: a referência Abeokuta único é a partir do 1850, enquanto que para as áreas de Oyo continuar no 1880 e posterior.

Esta parece ser apoiada pela referência confundida com o culto na história do Harding e revendo resumo da religião *Egba*, em 1888, ele enfatiza a importância de *Ògún* numa listagem de de *Òrìṣá* que vai falar sobre *Òrìṣá Oko* e *Yemoja*, e à direita no final notas que a adoração é também dado a uma serpente chamada "*Manumanu*" explica Harding ao link

"*Mónà-moná*" claramente com *Ògún*, se não é devido a incompreensão ou ignorância, sugere que esta forma de culto de *Ògún* era até então não são UF extinto em *Abeokuta*.

Não é fácil, na ausência de provas de outros tipos de papéis fora da CMS, explicar o porquê do culto de *Ògún* deve tomar este conceito. Mas uma dica final negativa nos dá uma pequena ajuda. Existe apenas uma referência para *Ògún-Ejò* fora das zonas central e ocidental, mas é uma exceção que parece confirmar a regra de que esse culto foi exótico para o leste:

Na Ondo em 1878, "um homem e *Ògún* Deus, abençoando o povo em seu nome ... [e obtendo] grandes quantidades de

búzios em troca". Mas no dia seguinte um dos chefes trimestre olhava contra eles exibindo-se nesta rua e ameaçou cortar as cobras em pedaços. Isso provocou uma revolta popular contra eles, e Lisa [chefe mais poderoso dos *Ondo* do dia] aconselhou-os a sair da cidade.

"Fonte - *Africa's - Ògún* – Old Word and new 1997 - Indiana University Press - pág 272"

Por volta de 1989, chegamos a conhecer um *Elégùn* desta divindade, sua manifestação não é das que permanece muito tempo no barracão, sua dança se apresenta como todos os *Ògún*, entre seus paramentos ele pode carregar uma cobra viva e ou um vulto feito em ferro, alguns casos podem ser confeccionados espadas onde o guarda-mão e o cabo são adornados com uma serpente, usando cores verdes e vermelhas. Uma característica

deste *Ògún* é o seu *Igbe'hun*¹⁷ que é semelhante ao do *Bara Lòde*, porém não assume características do *Bara*, ele é um *Ògún* e mantém sua identidade como tal. Esta divindade é despachada na porta do barracão em pé, com as costas virada para a rua, é uma divindade da rua e será tratado com detalhes pertinentes ao seu fundamento.

Desde que a terra de *Ilè-Ifé* era praticamente deserta, neste momento, parece bastante provavelmente que estes dois empresários religiosos não eram próprias IFES, mas os mercados dos *Oyos* de *Modakeke* e adjacentes, onde o culto deve ter sido tão prevalente como era em *Ibadan* ou *Ijaye*. No entanto, que pode ser que os Ondos assumiram claramente o grande mal que estranhos deveriam por um fim de apresentar

¹⁷ *Igbe'hun* – *gbe* (grito) *ohun* (fala) - uma forma identificada de cada divindade se apresentar, que ao se fazer presente no *Àiyéela* deve dar seu *Igbe'hun*..

suas divindades mais importantes, de tal forma um tanto estranho. Portanto, precisamos buscar uma explicação em termos que se aplicam especificamente à situação na região *Yorùbá* central e ocidental. *Daomé* pode parecer uma fonte possível, uma vez que tinha duas divindades cobra notáveis. Havia a *Dangbe vodun*, representada por uma cobra grande em seu centro de culto principal em *Uidá*, e também adoraram ao longo da *Lagoa*, na medida *Badagry*, e houve também a serpente do arco-íris de Dan, também conhecido como *Aido-Hwedo* ou (pelo *Yorùbá*) Osumare, cujas origens foram localizadas ao norte do país *Mahi Abomey*. Mas nenhuma dessas parece ter qualquer afinidade com *Ògún* (ou com o *Gu*, a sua forma *Dahomean*). Em qualquer caso, uma explicação de um culto em termos das origens externas é menos útil do

que uma que lida com o seu significado intrínseco. Infelizmente, a falta de provas externas para complementar as contas fino nas revistas CMS impede mais do que a especulação mais hesitante. A serpente um simbolismo em geral, pode transportar um número de conotações diferentes, mas uma das mais difundida é a de terra, poder enraizar ou aglutinar, e isso na maioria das tecnologias de produção do ferro, mineração e fundição, muito praticada na região *Yorùbá* central e ocidental. *Ògún*, como cobra, evidentemente, teve o seu coração nas cidades de *Oyo*, onde *Ògún*, apesar de não atingir o grau de reconhecimento cívico que entrou no ferro- come vindo do leste, foi, no entanto, um culto antigo, provavelmente mais do que *Sàngó*. Foi em *Oyo* na década de 1950 que Peter Morton-Williams deparou com a Alajogun

Òrìsá, uma refração de *Ògún* conhecido como a divindade de luta. *Alajogun*, ao contrário de *Ògún*, foi representado na forma humana, e em uma instância foi acompanhado por sua esposa *Oke Ijemori*, ela de pé com uma cobra em volta do pescoço (por ela foi dito queria jogar para eles)! Suas crianças estavam *Hills (oke)*, e uma pergunta se o ferro-circular foram particularmente destinados como mais adequado para um símbolo deste grande poder, tirando da terra o que *Mónàmoná*, a *Python*?

"Fonte - *Africa's - Ògún - Old Word and new* 1997- *Indiana University Press* - pág 273"

Este *Ògún* é uma das divindades que tem permissão de permanecer dentro

da casa quando inicia o *Sirrum*¹⁸, acompanhado do *Lòde*, *Oyá*, *Sàngó* e *Xapanã* que dão o *start durante* os rituais fúnebres. Para que este ritual possa ser executado fecham o *Yara-bo*, apagam as velas cobrem o *Igbá-Òrìsà*¹⁹, *Igbá-Orí*²⁰ e abrem o *balè*²¹, local sagrado e escondido aos olhos dos visitantes, pois ali repousa o passado e o presente. Somente os que possuem *Oyè*²² podem participar e ajudar nos rituais do *Sirrum*.

Um dos pontos mais curiosos talvez seja que quando preparamos o corpo do *Lailèmí*²³ louvamos para as divindades acima citadas, para logo a seguir começar com os cânticos do *Arissum*.

¹⁸ *Sirrum* – Ritual fúnebre

¹⁹ *Igbá-Òrìsà* – Vasilha e paramentos que compõe o assentamento do *Òrìsà*.

²⁰ *Igbá-Orí* – Vasilha e paramentos que compõe o assentamento do *borí*

²¹ *Balè* – Local para o culto aos ancestrais

²² *Oyè* – Cargo, título que determina a hierarquia dentro do templo.

²³ *Lailèmí* – Morto, inanimado.

O àse personificado por *Ògún* dirige a energia – que impele a novos reinos preparando o novo chão, e realiza ordinariamente a renovação. *Ògún* representa realização, exploração, e inovação (celeiros 1980). Penetra as fronteiras do desconhecido – a floresta, o chão de batalha, e as orlas da sociedade. Ele reina e a humanidade se beneficia e em algumas ocasiões destrói partes dela, e nesta missão ele é insaciável, tenaz, e inflexível. Seu caminho está frequentemente cheio de perigos inesperados. É a natureza do *Ògún* pode ser rápido, direto, e forte. Sendo criativo ou destrutivo, sua dinâmica pode ser caracterizada como explosivo. Muitos dos símbolos do *Ògún*, tal como a cobra do

*Àgbaadù*²⁴, representa seu *àse* pequena e preta, com uma listra vermelha no seu pescoço, o *Àgbaadù* ou Cobra inevitavelmente é muito rápida, maliciosa, e letal e, por causa de seu tamanho pequeno, pode atacar as pessoas completamente por surpresa. O ferro também personifica o *àse* do *Ògún* (cf. H. Drewal, capítulo) coerente com a natureza do seu poder, nas ferramentas de ferro quando usado pelas pessoas nas ações do trabalho e desempenho prontamente, vigor, e uma liberação explosiva. Como os atos do *Ògún*, nestas ações podem ser criativos, mas ele se cala também se destrói intencionalmente ou acidentalmente. Trabalhar com ferro, homem assim partilha da força dinâmica do *Ògún*. Por isso, ação humana pode ser vista derivada mente e relativa

²⁴ *Àgbaadù* – Assentamento deste *Ògún*

estas mesmas qualidades também são aludidas no físico e comportamental dos muitos objetos e seres, como o ferro e a cobra do *Àgbaadù*, com compor seu complexo simbólico. A seguinte análise das qualidades dinâmicas de textos orais e dança específico a *Ògún* demonstra como exhibe o àṣẹ de *Ògún*. Uma das imagens dominantes do *Ògún* é isso de destruição. Os celeiros, aliás, *Ògún* de pareceres "uma metáfora para os poderes perigosos e destrutivos da humanidade" (1980). Seu *Itan* oral de elogio que reforça a imagem destrutiva:

1 O *p(a) ọkọ s(i) oju ina*

2 O *p(a) aya s(i) madiro*

3 O *p(a) won werew ere as l(i) (o)de*

4 Ògún ni ejerengun ilê alaigboran

5 Gbe orí olorí sawísa

6 O wo (o)ko Oloko rojo rojo

7 O pọn (o)mi si (i)lê ti eje we

8 Ògún l(i) on je agbe (i)rin Omo pa Omo

9 Sare m(u) omi wa o pa meje

10 Ọkurin giri bi eni si lekun

11 O pa s(i) otun o ba otun je

12 O pa s(i) osí o ba osí je

1 Ele que mata o marido antes do fogo,

2 Ele que mata a esposa no antes,

3 Ele que mata pequenos para libertar o exterior.

4 Ògún é a folha na casa do homem feroz e orgulhoso.

5 Ele que calcula a cabeça de outro livremente.

6 Ele que aponta no pênis de homens.

7 Com água na casa que ele lava com sangue

8 *Ògún* que faz o abate de criança brincando com o ferro

9 Ao carregar água ele que mata sete (as pessoas)

10 Tremores de homem como alguém que abre a porta

11 Ele que abate no direito de *Ògún* e destrói no correto

12 Ele que mata na esquerda e destrói na esquerda. (borda
1967)

"Fonte - *Africa's - Ògún - Old Word and new* 1997-Indiana
University Press - pág 204"

Para a nossa cultura, ou acredito que seja para as muitas culturas afro-brasileiras o Òbe²⁵ pertence ao Ògún, o ferreiro que forjou as armas para os Deuses, nos deu a faca para que pudéssemos cortar e oferecer sacrifícios para todas as divindades, não começamos nem um ritual sem antes louvar o ferreiro e pedir permissão para que possamos iniciar os rituais. Acredito que a ligação do Ávágã surge no assentamento do Àgbaadù neste mesmo onde come a Òbe e que usaremos para todos rituais pertinentes à rua, e seus caminhos.

Uma reza cantada para ele, que representada um guerreiro lutando, cortando e se defendendo, que costumamos tirar logo após despachar o Èkomi²⁶ onde aqueles que foram para a rua levando o carregio voltam para

²⁵ Òbe - Faca sacralizada para corte durante os rituais.

²⁶ Èkomi - Preparado que leva água e alguns elementos ritualísticos que possuem diversas finalidades, usadas na proteção dos templos, seguranças durante os rituais dos Òrìsà ou Egungun.

o salão, ou no início do toque logo após louvar os *Bara*. Facilmente notarão a mistura de uma ou outra palavra *yorùbá* ao *djedje*, talvez tenha isto tenha acontecido no início onde os nossos respeitos antepassados misturaram, talvez pela falta de informações que temos hoje, isso deve ter ocorrido, mas nada fatal proporcionou à nossa cultura.

Chouchou Cho nyi pa dô

Gan gan gan Cho nyi pa dô

(Baseado no vocabulário *djedje* e *Yorubá*)²⁷

Porem eu aconselho ao não tentarem tradução pelo fator natural da amputação fonética que as cantigas sofreram, sendo impossível termo uma tradução exata, porem podemos ter uma base o que não significa que seja

²⁷ *Chouchou* (tchoutchou) - Muitas vezes, muito tempo; *Cho* (tchô), *Gbona* (gbôna), *Ghona* (grôna) - quente; *Do* (dô) - dizer, estar; *Nyi* (ni-î) - alimentar, nutrir, prover.

a devida tradução das mesmas.

O verbo *Pa* é uma ação, matar, ser comum em poesia de elogio e invocações para *Ògún*, e sua dinâmica e desempenho oral é análoga à dinâmica visível de movimento. Por isso a expressão oral pode ser submetida ao mesmo tratamento analítico que é dado a esforço físico. "O verbo *Pa* pronunciado em textos orais transmite um golpe que é espacialmente direto, e poderoso, executado com uma liberação explosiva. Neste volume (capítulo 2), Armstrong usa o ortografia *Kpa* para sublinhar a força vocal do "p" de *Yorùbá* soar sua repetição, "*Ó pa oko.... Ó pa aya... Ó pa won werew ere*" (linha 1-3) e assim por diante, evoca imagem do *Ògún* com um cutelo na mão escondendo ao redor. Realmente, na sua

maioria amplamente sabe que elogios é, "matou-os com um golpe (instantaneamente)" (*Ó p'awon bere kojo*). Esta imagem verbal é promulgada fisicamente em *Ilaro*, onde, em certas ocasiões, um caçador possuído rapidamente por *Ògún* pelo povoado, cutelo em mãos, e decapitando qualquer cão no seu caminho com um golpe da sua lâmina de ferro. Outra invocação para *Ògún* declara:

1 *Ó pa oko síbi iná*

2 *Ó PA aya si bálùw è*

3 *Ó PA Omo pa ìya*

4 *Adamolore kège kège*

5 *Kùtùkùtù l'Ògún ba*

6 *Àiyí Goloto s'oko oloko*

7 Ekun oko eke wo

1 Ele que mata o marido bota a orelha no fogo

2 Ele que mata a esposa na casa de banho

3 Ele que mata a criança, e mata a mãe

4 Espada-cortes-fora-cabeça *kège* de *kège* 5 De manhã cedo,
Ògún encontrou-os

6 Eles que foram achados na pedra-morta na fazenda de outro
fazendeiro

7 *Ògún* punirá esses que não temem-no (1975)

As frases acima que jogam sobre “p” duro e sons de k”” pronunciaram com energia explosiva. Possuem uma dinâmica que é desencadeada no ato de pronunciá-los, e transmitem força pelos padrões eficazes de tensão colocada em

consoantes, redige, ou introduz, chapéu é a combinação de tom, velocidade de sílabas, força vocal, e fluxo-todo que combina simular esforço físico. Outra vez, o "pa" de palavra (abate) é direto, rápido, e explosivo. Em outra frase contendo uma palavra-quadro, *kège* de *kège* "a espada-cortes-fora-encabeça," a imagem de cabeças rolando é transmitida. O *kège* do som tem uma qualidade lenta pesada e, quando repetido, sugere movimento contínuo. O de sílaba interrompeu pelo som de "Ge" seguiu por uma pausa curta e jogos de repetição para cima um ritmo que evoca uma imagem imediatamente horrível e humorístico, que de um pesado, cabeça de esfera de forma irregular formada –rolando depois de o impulso poderoso rápido do cutelo do *Ògún*. É frente evidente estes exemplos que Yoruba tem uma grande

sensibilidade a qualidades dinâmicas e que os usam bem deliberadamente em desempenho-e verbal, como veremos, em dançar e evocar, e assim finalmente invocar, a força vital de *Ògún*. Por todo Yorubaland há muitos estilos diferentes de dança do *Ògún*. Para os propósitos deste papel, no entanto, um estilo distinto e seu concurso serão discutidos: A dança de transe de posse de *Ògún* associou-se com um festival ritual para os deuses em Yorubaland ocidental. Uma comparação então será feita com dança de transe de posse de *Ògún* nas casas de candomblé de Yoruba-Derivou de Bahia, Brasil. Estes exemplos fornecem-nos com discernimento no papel de dança e a importância de suas qualidades dinâmicas em ritual. Usar o corpo como um instrumento expressivo, o dançarino de *Ògún* evoca, e assim ao invoca, as qualidades dinâmicas reais

que constituem a essência do deus e realiza isto por manipulações e tempo controlador, espaço, energia, e fluxo de acordo com precedente tradicional.

"Fonte - *Africa's - Ògún - Old Word and new* 1997-Indiana University Press - pág 206"

Uma vez eu li que *Ketu* é *Nàgó*, sim é verdade, pois *Ketu* pertence realmente à cultura *Nàgó*, porem o *Nàgó* não é *Ketu* como a maioria costuma pensar. Da mesma forma que a cultura *Yorùbá* também segue o mesmo conceito onde podemos ver religiões baseadas no *Yorùbá*, mas nem tudo é *ketu*, por exemplo, os *Nàgó* cultuam os Deuses *Yorùbá*, da mesma forma que *Ketu* e *Ifá*. Não seria diferente para os *Nàgó* possuírem subdivisões religiosas importantíssimas para sua estruturação e individualização de cada uma delas.

Entre os cultos mais difundidos no Brasil eu acredito que os *Nàgó* sejam os mais fechados, mais sigilosos e esquivos. Enquanto todas as culturas se apresentaram e foram em busca do status e fama, os *Nàgó* se fecharam nos seus segredos e culto. E observo que muitos fundamentos das famílias *Nàgó* são desconhecidos e chegam a causar certo espanto para a comunidade afro-brasileira. A cultura que nos cercam é riquíssima e celebra anos de uma tradição que começa agora a ser descoberta pelos brasileiros.

Buscar a origem dos fundamentos e conceitos que nos cercam é a necessidade que temos em mostrar os preceitos e costumes do nosso povo, que não são invenções e muito menos será um embuste religioso.

Uma referência da veracidade e diversidade é esta matéria editada no livro “*Ògún – Old Word and new* de 1997” que ilustra um culto e fundamento que deve ter sido apagado na África, pois os atuais sacerdotes e sacerdotisas não se recordam ou jamais ouviram falar nestes *Ògún* que carregam uma *Python*. Por isso acreditamos que o resgate da cultura é importantíssimo para comunidades religiosas serias que almejam um culto forte e limpo. Os tratos e rituais acima citados são apenas uma apresentação superficial do *Ògún* que cultuamos dentro da nossa nação e que está presente também no culto Batuque do RS.



Sacerdote de *Ògún* com a serpente em *Òyó*, no Festival de *Sàngó* em 2014.





Festival de Ogun 2016- Nigéria
Ògún Manifestado
Créditos: Samuel Olatosimi Tosin



Sacerdote de Ògún com a serpente em Òyó, no Festival de Sàngó em 2014.

Créditos

Texto e pesquisa - Erick Wolff

Agradecimento

Material de pesquisa - Luiz L. Marins

Imagem da Serpente - "*Mónàmoná*" - álbum do Orkut - Antonio dos St^{os}
Penna

Bibliografia

_____ *Africa's Ògún – Old Word and new* 1997 - Indiana University
Press

Tradução digital.



ÒGÚN E A SERPENTE MITOLÓGICA

Por Babalaô Ifádámiláre

Sacerdote de Ifá

Abril de 2017

RESUMO

Dentro do contexto mitológico cultural *Yorùbá* existem diversos símbolos que estão presentes em rituais e amparam conceitos filosóficos, dentre eles encontramos a Serpente. Ela esta presente em diversas culturas e seu significado esta em muitas delas relacionado com a Divindade. Neste artigo vamos explicar a relação mítica entre *Ògún* e o símbolo da Serpente.

INTRODUÇÃO

Ògún é uma das Divindades mais cultuadas pelos seguidores das tradições *Yorùbá*, bem como pelo culto *Afro-Brasileiro*. Sua relevância é tamanha, visto que ele participa de diversos atos importantes, tanto no que diz respeito a questões ritualísticas, como na sua atividade auxiliando os processos que sustentam a vida na Terra.

RESUMO DO MITO

Enquanto Divindade primordial²⁸, *Ògún* participou dos eventos que foram responsáveis pela Criação. Segundo a lenda da Criação, ficou a cargo de *Ògún* produzir uma corrente que teria a função de permitir a *Obàtalá*²⁹ descer do *Òrun*³⁰ até o *Ayé*³¹. Contudo essa corrente não foi feita no formato tradicional, como conhecemos, com elos. Invés disso, *Ògún* forjou partes encaixadas que lembrava escamas de Serpente. A intenção de *Ògún* foi dar a essa corrente mobilidade e ao mesmo tempo firmeza, imagine alguém subindo e descendo por uma corrente feita com elos tradicionais,

²⁸ Termo utilizado para classificar Divindades que já existiam no *Òrun* antes da Criação.

²⁹ *Obàtalá* é uma das mais importantes Divindades na cultura *Yorùbá*, Ele foi responsável por dar forma ao plano físico, tornando o mundo habitável e também ele construiu o corpo humano.

³⁰ *Òrun* nome da dimensão onde vivem as Divindades, também chamado de Plano espiritual.

³¹ *Ayé* dimensão física, o universo como conhecemos.

carregando objetos, por diversas vezes, isso não seria muito prático, lembrando que tal corrente não teria nenhum tipo de apoio.

Contudo *Ògún*, mestre na engenharia e usando sua criatividade natural desenvolveu um objeto que daria mais apoio a *Obàtálá*, facilitando assim o seu trabalho.

INTERPRETAÇÃO

O texto acima explica a importância do trabalho de *Ògún* no evento da Criação, contudo precisamos entender que a corrente é uma simbologia. De fato, não foi assim que aconteceu, ela retrata um portal ou ainda um caminho criado por *Ògún* que permitiu o trânsito entre os planos de existência.

Simbolicamente a Criação é representada por uma *cabaça* (uma esfera) dividida em duas partes iguais, a parte superior é branca e representa o *Òrun*, já a parte inferior é preta e representa o *Ayé*. Esse símbolo é muito importante para nós, além de representar os planos de existência, as partes da cabaça também simbolizam os elementos fundamentais da vida: A parte branca representa a sabedoria, a força masculina geradora, também chamada de energia positiva; A parte preta representa o que é oculto, misterioso, a força feminina gestante, também chamada de energia negativa (no sentido de polaridade). Ambas as partes da Cabaça estão separadas por uma fronteira, que mantém essas energias desconectadas. A corrente então forjada por *Ògún* foi utilizada também para envolver a cabaça de tal forma que suas metades se mantenham unidas, separadas

unicamente pela fronteira (a divisão entre elas), garantido assim sua interação, que mantém a continuidade da vida em ambos os planos.

CONCLUSÃO

A ciência moderna acredita que a vida na Terra pode ter sua origem da ação da ferrugem em minérios depositados no fundo do oceano. Esse material teve surgido da atividade vulcânica ou ainda por objetos vindos do espaço, isso faz um paralelo com a importância da ação de *Ògún* no processo da Criação.

É importante ressaltar que o símbolo da Serpente também é associado ao *Òrìṣà Òṣùmàrè*³², Divindade extremamente importante no culto, contudo a simbologia da corrente com escamas não tira de *Òṣùmàrè* o símbolo da Serpente em si, pois a ação de *Ògún* foi na realidade criar uma corrente mais funcional.

Essa explicação vai de encontro com o culto de *Òrìṣà* Brasileiro onde é possível encontrar em assentamentos de *Ògún* uma serpente de ferro, muito provavelmente os antigos sacerdotes tiveram a intenção de demonstrar essa relação importante de *Ògún* com a Criação.

³² *Òṣùmàrè* é responsável pela evaporação da água, participando assim dos ciclos que produzem a chuva, por isso ele é relacionado com o arco-íris, no contexto religioso de *Ifá*, *Òṣùmàrè* é responsável por movimentar o *àṣe* (energia que provê a realização, movimento, poder) entre o *Òrun* e o *Ayé*.

REVISTA OLORUN

www.olorun.com.br